

# A página rasgada: revisitando a experiência pragmática de John Dewey

The torn page: revisiting John Dewey's  
pragmatic experience

La página rasgada: revisando la experiencia  
pragmática de John Dewey

**Hélida Costa Coelho (UDESC-Brasil) <sup>1</sup>**

**Pedro Henrique Villi Cavallari (UDESC-Brasil) <sup>2</sup>**

**Jociele Lampert (UDESC-Brasil) <sup>3</sup>**

1 Doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5484712325733701>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9518-6834> E-mail: [helidacostacoelho@gmail.com](mailto:helidacostacoelho@gmail.com).

2 Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Realizou período sanduíche (CNPq-SWE) na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2023) como investigador visitante (FBAUL/CIEBA/ULISBOA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9199191395094333>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0726-9091> E-mail: [ph.cavallari@yahoo.com](mailto:ph.cavallari@yahoo.com).

3 Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA (2023). Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/714990293123122>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>. E-mail: [jocielelampert@uol.com.br](mailto:jocielelampert@uol.com.br).

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo revisitar ideias do filósofo John Dewey bem como sugerir caminhos reflexivos sobre o conceito de experiência para o Ensino das Artes Visuais. A primeira seção apresenta as influências do pensamento deweyano, a recobrar algumas abordagens sobre experiência e sobre estética na história da filosofia para contextualizar e destacar Dewey. A segunda seção aborda ressonâncias mútuas do pensamento reflexivo e da experiência estética. A terceira seção difunde a reflexão do relato de uma aula de pós-graduação em artes visuais, que teve como proposta rasgar páginas de um livro e sua leitura randômica. Tal proposição é descrita e fundamentada como experiência estética que possibilita interesse, associação e continuidade em um processo de ensino e aprendizagem, ou arte como experiência.

## PALAVRAS-CHAVE

Experiência Estética; Pensamento Reflexivo; Ter uma Experiência.

## ABSTRACT

This article aims to revisit ideas from the philosopher John Dewey and suggest ways to reflect on the concept of experience for the Teaching of Visual Arts. The first section presents the influences of Dewey's thought, recovering some approaches to experience and aesthetics in the history of philosophy to contextualize and highlight Dewey. The second section addresses mutual resonances of reflective thought and aesthetic experience. The third section disseminates the reflection of the report of a postgraduate class in visual arts, which had as its proposal to tear pages from a book and read them randomly. This proposition is described and substantiated as an aesthetic experience that enables interest, association and continuity in a teaching and learning process, or art as experience.

## KEY-WORDS

Aesthetic Experience; Reflective Thinking; Having an Experience.

## RESUMEN

Este artículo pretende revisitar ideas del filósofo John Dewey y sugerir formas de reflexionar sobre el concepto de experiencia para la enseñanza de las artes visuales. La primera sección presenta las influencias del pensamiento de Dewey, recuperando algunas aproximaciones a la experiencia y la estética en la historia de la filosofía para contextualizar y visibilizar a Dewey. La segunda sección aborda las resonancias mutuas del pensamiento reflexivo y la experiencia estética. La tercera sección difunde la reflexión del informe de una clase de posgrado en artes visuales, que tuvo como propuesta arrancar páginas de un libro y leerlas al azar. Esta propuesta se describe y fundamenta como una experiencia estética que posibilita el interés, la asociación y la continuidad en un proceso de enseñanza y aprendizaje, o el arte como experiencia.

## PALABRAS-CLAVE

Experiencia Estética; Pensamiento Reflexivo; Tener una Experiencia.

## Introdução

Neste artigo vamos nos aproximar de algumas questões inerentes ao pragmatismo, a fim de compreender o conceito de experiência estética, bem como as ressonâncias mútuas na ideia de pensamento reflexivo.

Tais teses de John Dewey estão presentes nas obras “Como pensamos” publicada em 1910 e relançada em 1933<sup>4</sup>, na qual apresenta como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, e “Arte como experiência” publicada em 1934<sup>5</sup>, que tem como tema a estética à luz da experiência (ou vice-versa) na relação arte-vida. Ambos os livros fazem parte do período tardio da filosofia deweyana. A presente redação se pauta tanto pelos originais *Art as experience* e *How we think*, quanto por suas traduções e comentários.

Nos dedicaremos a um olhar aos escritos de Dewey sobre teoria do conhecimento em diálogo com a sua teoria estética, exemplificada pelo relato de uma aula no contexto de pós-graduação em artes visuais.

## Filosofia e experiência<sup>6</sup>

O pensamento de Dewey influenciou a filosofia e a pedagogia, tanto em seu país de origem, quanto em outras partes do mundo (Cunha, 2019), tendo inspirado o movimento de reforma educacional conhecido como Escolanovismo no Brasil. Dewey atuou, também, internacionalmente em viagens e incursões investigativas e consultivas, tendo ido, por exemplo, à “China, ao Japão e à União Soviética” (Cunha, 2019, p. 168).

Segundo Westbrook (2010) Dewey se debruça continuamente durante sua trajetória filosófica sobre as relações pensamento-ação, estético-artístico, criação-resolução de problemas. Destaca-se o desenvolvimento das ideias de arte como experiência, pensamento reflexivo e educação democrática, ao longo de mais de setenta anos de atividade filosófica e pedagógica, fatos que apontam à questão: quem foi John Dewey? John Dewey, nasceu em Burlington, Vermont, Estados Unidos, no dia 20 de outubro de 1859 e faleceu em 1 de junho de 1952. Atuou como filósofo, pedagogo e acadêmico, legado como um dos expoentes do pragmatismo. À luz da crítica ao empirismo, o autor reconceitua a experiência como eixo da relação da criatura viva com o mundo.

---

4 Traduzido ao português por Haydée Camargo Campos em sua 4ª edição de 1979.

5 Traduzido ao português por Vera Ribeiro com 1ª edição de 2010. Traduzido ao português por Vera Ribeiro com 1ª edição de 2010.

6 A pretensão desse texto não é oferecer revisão bibliográfica, mas possibilitar a partir de nota de experiência, formas de compreensão sobre a importância dos escritos do filósofo John Dewey, no que se refere ao conceito de experiência e suas singularidades na área de ensino das artes visuais.

Neste sentido, vamos partir da reflexão sobre experiência, desde os primeiros esforços de sua compreensão. Experiência significa, na língua portuguesa (Cunha, 2012, p. 280), “experimento, [...] prática, [...] habilidade”, com origem latina *experientia*. Nessa perspectiva, a palavra se destaca por seus aspectos práticos e de conhecimento adquirido.

As primeiras conceituações de experiência têm origem na filosofia antiga do século IV a. C. em cenário ocidental. Aristóteles (2006) considerava que a experiência era a base do conhecimento, pois a combinação das faculdades sensoriais com a faculdade da memória resultaria na experiência (Cunha et al, 2007), questão à qual retornaremos adiante.

Para o filósofo escocês David Hume (1973), a experiência é a fonte fundamental de todo o conhecimento humano. Há implicação da experiência estética com o gosto, que será visto como algo imediato, dado a partir da experiência das coisas presentes. Esta perspectiva da estética para o filósofo trata o problema do gosto a partir da subjetividade, entendido como um sentido do corpo, concebido como a base da experiência estética. A prática é um exercício indispensável para a compreensão da beleza, assim “a delicadeza do gosto pelo espírito ou pela beleza será sempre uma qualidade desejável, porque é a fonte de todos os mais finos e inocentes prazeres de que é suscetível a natureza humana” (Hume, 1973, p. 319). Isto indica a experiência do belo como desenvolvida no corpo a partir de um condicionamento a certas práticas, o que dá margem à questão de sê-la regida por uma relação de causa e efeito.

Em meados do século XVIII, o filósofo e educador alemão Alexander Baumgarten (1993) abordou temas mais específicos da experiência, a partir de uma concepção estética relativa à arte e ao belo. Para o autor o “belo é a perfeição do conhecimento sensível” (Baumgarten, 1993, p. 99), ao alcance da estética, ciência que estuda as sensações bem como a arte de pensar coisas belas.

Por sua vez, Kant trouxe em sua Crítica do Juízo (Veblen, 2024), a forma analítica de pensar o belo e o sublime. A estética Kantiana é “marcada por suas características básicas: o imediatismo de uma sensação de prazer causada pela contemplação desinteressada da forma ou aparência dos objetos” (Barranco, 2020, p. 7). Assim também, segundo Kant, a experiência do belo é ligada ao deleite e ao prazer, incluindo a experiência estética oriunda da arte.

Em contraposição a esta ideia de experiência estética contemplativa e livre de interesses, Schopenhauer (2005) argumenta que a experiência é o que pode ser tomado pela consciência, como espaço e tempo, estruturados pela causalidade do mundo como representação intencional, isto é, um mundo repleto de representações criadas por consciências individuais. Pensar experiência estética com este filósofo aponta para pensar o belo e o sublime como representações derivadas de entes conscientes.

Castro (2018, p. 370) entende que a experiência estética tem sido historicamente remetida a um estado mental pleno de caracteres próprios como atenção e interesse, estes causados pela contemplação de certas realidades, ou a partir de um condicionamento a um contexto ideal com propriedades estéticas específicas

não apreendidas por outros estados mentais. A lógica da causalidade presente no prisma histórico-filosófico da experiência estética a partir de Aristóteles, Hume, Baumgarten, Kant e Schopenhauer, pincela parte do contexto que virá influenciar estetas contemporâneos.

Dewey desenvolve uma teoria estética diversa, pautada no pragmatismo, mesmo que inicialmente, tenha sido cauteloso em escrever e falar sobre as questões estéticas, ou como destaca Campeotto (2021), com uma estética fragmentária, mas percebida em diferentes contextos que sua obra, tratando o cotidiano e a arte com interesse estético. Dewey desenvolve sua estética em diálogo e crítica com outros filósofos, como os já citados anteriormente, incluindo as influências de Hegel, William James, George S. Morris, G. Stanley Hall, entre outros e, principalmente por estudos da psicologia moderna (Westbrook, 2010).

Em carta deixada a Albert Barnes<sup>7</sup>, Dewey escreve:

Fiquei interessado em sua sugestão sobre um seminário de estética. Mas não posso aceitar minha opinião parte nisso. Sempre evitei a estética, não sei por que, mas acho que é porque queria reservar uma região de uma análise um tanto devastadora, uma parte da experiência onde não pensei mais do que qualquer outra coisa. E agora eu tenho uma repulsa bem fixa [contra] toda discussão estética. Sinto a respeito disso exatamente como o homem inteligente comum se sente a respeito toda discussão filosófica, incluindo os ramos que muito me entusiasma” (Dewey, 2008, 1920.01.15 apud Greenfeld, 1987).

Campeotto (2021) mostra que o desenvolvimento da estética sistemática de Dewey (*Arte como experiência*, 1934) se dará principalmente por seu contato com Barnes, mesmo que no relato de 1920, aparente uma relutância sobre a estética. Em toda a sua obra há uma estética fragmentária<sup>8</sup>, porém perceptível.

Em 1933, sua teoria do conhecimento descrita em *Como pensamos*, original de 1910 passa por uma importante reformulação, narrada pelo autor como não simplesmente uma revisão, mas uma “reexposição” (Dewey, 1979, p. 7), tendo contado com numerosas alterações no corpo teórico (Parte II do livro), no qual se delineia o faseamento ou progressão do pensamento reflexivo. Em 1934 *Arte como experiência* consolida a experiência estética como ponto nevrálgico da relação do indivíduo com o mundo.

---

7 Albert Coombs Barnes, foi um médico, empresário, químico, uma das figuras mais excêntricas e controversas do mundo da arte do início do século XX, surge vividamente das páginas da biografia de Howard Greenfeld. “The Devil and Dr. Barnes Portrait of na American Art Collector” (Greenfeld, 1987) que traça a jornada de um homem que nasceu na pobreza, acumulou uma fortuna por meio da promoção de uma medicina popular e adquiriu a principal coleção particular de obras de mestres como Renoir, Matisse, Cézanne e Picasso.

8 A esse respeito Campeotto (2021) desenvolve como estética fragmentária a produção pouco conhecida e desenvolvida por Dewey em ensaios, conferências, resenhas e capítulos de livros de seus primeiros anos de atuação.

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. Em vez de significar a rendição aos caprichos e à desordem, proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à estagnação, mas é rítmica e evolutiva. Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em seu estado germinal. Mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética (Dewey, 2010, p. 83-84).

Dewey ratifica experiência na troca entre a arte e a vida cotidiana, mas especialmente a sua continuidade (fluxo vital) de acontecimentos, diferenças, ritmos e níveis. Como um movimento consciente e conexo por interesse, via sociabilidade e interação com o meio, apontando para a continuidade deste curso de ação, se caracterizará a experiência estética, que se consolida como “uma experiência” (*an experience*, Dewey, 2024, loc. 95650) também traduzido por Vera Ribeiro (Dewey; 2010, p. 109) como “experiência singular”. Diferente é uma experiência comum, a qual se interrompe indiscriminadamente, se para e se retorna mecanicamente. Uma experiência completa tem por combustível o interesse que garante seu fluxo contínuo e consumação como unidade experiencial, quando pode ser lembrada como uma experiência. Exemplos: pintar aquele quadro foi uma experiência; aquela aula foi uma experiência; a vereança de nosso representante foi uma experiência. A arte como ato expressivo é experiência. Ensinar com a consciência de que ao fazê-lo também se aprende é experiência. Viver o processo democrático a saber que todo ato é político, também é experiência, pois se faz na pólis, em concordância com um contexto histórico e social. É aí que pesa o sentido estético da experiência, consumada e completa, em toda ação humana, dá (pode dar) prazer, é (pode ser) beleza, pois se inscreve culturalmente.

De acordo com Alexander (2016), a estética de Dewey aponta a arte como uma forma de reorganizar o mundo para incorporar diretamente a experiência de significado e valor, movimento que parte de um propósito (impulso) natural de apreender a experiência e se aprofundar na cultura, ou o valor cultural da arte, a partir de diferentes aspectos: política, educação, ciência. Deste ponto em diante, a arte tem um importante papel político, que chama para uma reestruturação da sociedade a fim de alcançar uma vida mais rica e significativa.

## **Experiência e pensamento**

A filosofia de Dewey se volta recorrentemente (1979, 2010) para a criatura viva, organismo que interage sistemicamente com demais organismos e ritmicamente com o meio ambiente. Tanto a ciência quanto a arte são para o autor provas cabíveis de

que os seres humanos podem organizar deliberadamente a matéria para produzir significação por consumação de experiências estéticas – ou a experiência consumada por sucessivo processo significativo<sup>9</sup>. Estes processos decorrem na totalidade do corpo inserido na totalidade do meio, não havendo cisões entre suas partes, mas integração. Em uma experiência consumada – ou estética – conforme Dewey (2010), não se enxerga uma obra de arte somente com os olhos, mas com o corpo todo e com as memórias oriundas de experiências anteriores. Contudo, a consumação de **uma experiência** decorre de uma conclusão necessariamente estética.

A todo momento temos experiências corriqueiras ou comuns em nossa relação com o mundo, elas são imprescindíveis para a significação. Todavia, quando se tem uma experiência consciente do curso de ação ao qual se faz presente, é tornada emocionalmente ativa, pois a formação de seu significado a conduzirá para uma completude que, por ser equilibrada, é bela. Quando concluída “a experiência” é consumação, é estética (prazer, satisfação, beleza) e culmina num valor emocional satisfatório.

Para Dewey (2010) é caro o conceito de arte como experiência estética, pois a conclusão estética é imprescindível à unidade experiencial<sup>10</sup>. É a dimensão estética que conduz à relação entre ação e pensamento, a prática relacionada à teoria (e vice-versa), o que compreende uma experiência verdadeiramente significativa ao sujeito pensante/agente. É esta a sorte de relações do artista com o processo de trabalho (numa investigação em artes visuais, por exemplo). O saber processual movimenta o curso procedimental de modo cíclico e retro referencial. Ao fazer filosofia, se elaboram os sistemas de pensar, também como uma experiência, ou seja, o filósofo consciente do estabelecimento dos significados formula problemas, analisa situações, formula hipótese, experimenta e verifica possibilidades inteligíveis para a cosmovisão proposta. Para nós, esta noção de experiência se aproxima da elaboração de Dewey (1979) na obra *Como pensamos*, ou a definição de pensamento reflexivo.

[Dewey] estabelecerá, sobre o pensamento reflexivo, uma estruturação ordenada que, em etapas, se interpõe progressivamente. Ao desenvolver sobre *Como pensamos*, Dewey apresenta a analogia do método científico para o pensamento que, quando reflexivo – ou a melhor maneira de pensar, segundo o filósofo –, se constitui por 1. problema, 2. apreciação,

---

9 A esse respeito dos vínculos entre ciência e arte Ruoppa (2019) explica que o pragmatismo filosófico de John Dewey oferece uma abordagem reformatória à árdua relação entre as ciências naturais e as humanidades. A questão crucial que Dewey se propõe a resolver é a influência pré-darwiniana da filosofia clássica em diversas práticas acadêmicas, suposições que ainda hoje permeiam uma seção específica da pesquisa acadêmica e da argumentação sobre ambos os lados do debate. Até mesmo os relatos evolucionistas parecem ser afetados. A fim de evitar as frequentes consequências implícitas, mas ainda assim problemáticas que decorrem de tais elaborações arcaicas, vale examinar a reavaliação de Dewey dos conceitos de arte, ciência e conhecimento. Uma análise desses conceitos-chave torna possível compreender a função própria da experiência estética como nestes presente.

10 Se conclui uma experiência verdadeiramente significativa a partir de uma contemplação de sua unidade, ou totalidade faceada pelo curso da ação desenvolvida e pensada ao longo dela. Não somente a arte ostenta tal caráter, mas também a atividade intelectual. A exemplo, na filosofia ou na matemática, o pensamento possui beleza e pode ser contemplado, o que constitui uma relação estética do indivíduo para com a experiência de pensar (Dewey, 2010).

3. sugestão, 4. experimento, e se conclui por meio da 5. verificação. A hipótese da verificação como elemento conclusivo da experiência de pensar reflexivamente aponta para a conclusão estética da arte como experiência (Cavallari e Lampert, 2024, § 6).

Conforme Cunha *et al.* (2007, p. 89-90), há influência de Aristóteles na obra de John Dewey, que se destaca na consideração do pensamento reflexivo como meio pré-científico, a propedêutica que ajuda a elaborar fatos a serem verificados. Para os autores, contudo, o pensamento reflexivo não é, ainda, conhecimento científico, pois carece de demonstração. A formação do hábito reflexivo, sim, leva à chamada por Dewey (1979), melhor forma de pensar, ou forma elaborada de perceber fatos, que cria em seu processo o exame preliminar de um assunto que possa ser comprovado.

Este percurso produz a noção preliminar do pensamento científico, dotado das mesmas etapas, contudo, instrumentalizado e averiguado por meio de demonstração. Por este se configurar como processo (conjunto de procedimentos) consciente, há uma importante ligação com a noção de experiência (Dewey, 2010), pois tal deslocamento laborativo perfaz a relação da experiência comum (dúvida original do pensamento reflexivo) para com uma verdadeira experiência (consumação). A exemplo das artes, a experiência estética não surge do nada, mas é, ao contrário “contingenciada para fora do Nada. O exemplo do pintor que emprega seu tônus muscular para mover matérias, transforma tinta em pintura, anotação em pintura, rascunho em pintura, somente o faz com seu corpo imerso em um contexto” (Cavallari, 2021, p. 20). Tal contexto é o mundo das coisas e das experiências, sejam-nas estéticas ou comuns, assim como um estúdio de pintura poderá ser pensado como um campo de experiências. Vêm desta noção de campo, também, a linguagem, a ciência, a filosofia como vias da experiência. Em outras palavras, a experiência (singular) vem de experiências (plurais).

*Arte como experiência* (Dewey, 2010) evidenciou que a estética, ou a escrita filosófica, é uma experiência de [entre]fronteira, pois dá vida à experiência a partir do comum.

[...] impõe-se uma tarefa primordial a quem toma a iniciativa de escrever sobre a filosofia das belas-artes. Essa tarefa é restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecidos como constitutivos da experiência (Dewey, 2010, p. 60).

Há no excerto dois significados da experiência que, na realidade, se encontram mutuamente implicados. A arte e o cotidiano são campos perenemente potentes de experiência. Com isso, aproxima a arte à vida cotidiana, e mostra a arte como uma refinada e intensificada forma de viver a experiência, possibilitando aspectos de continuidade, emoções, percursos até a sua consumação, não como uma cessação, mas com características próprias de um processo de viver.

Assim, segundo Dewey “uma experiência é um fluxo de algo para algo, à medida que uma parte leva a outra e à medida que uma parte carrega o que aconteceu antes,

cada uma ganha distinção em si mesma” (*apud* Alexander, 2016, p. 65, tradução nossa). O ponto chave da experiência é, como dito, sua qualidade estética, ou seu estado de presença, o que possibilita sua fluxa continuidade.

### **Ação e reflexão sobre “ter uma experiência”**

Consideramos os aspectos da experiência apresentadas anteriormente sob a ótica de Dewey (2010, 1979) com direcionamento para um contexto de ensino, sobre o qual podemos dizer, estruturado por um desafio para fomentar **experiência estética** e **pensamento reflexivo**. Desta forma, na presente seção, apresentaremos um relato que destaca formas teórico-práticas, com exemplo pautado em uma aula de pós-graduação em artes visuais<sup>11</sup>.

Na ocasião em questão, a aula do curso *Arte como experiência em John Dewey* transcorria em seu fluxo normal numa manhã de quarta-feira, a professora realizava apontamentos referentes à noção de experiência estética. Explicava que uma experiência consciente, no viés pragmático, deveria unir o artístico e o estético. Que a teoria e a prática deveriam ser compreendidas como coisa única.

Distinguiu a importância de pensar reflexivamente, a apontar esta maneira de pensar como processual, isto é, uma sucessão de etapas mutuamente implicadas, pois “a reflexão não é simplesmente uma sequência, mas uma consequência” (Dewey, 1979, p. 14).

Dizia: “a experiência estética deve ser conduzida de forma consciente” e, de repente, no meio de sua explicação começou a rasgar lentamente (fig. 1) as páginas de *Arte como experiência* (Dewey, 2010), o que gerou um burburinho. Formou bolinhas com cada uma das páginas rasgadas.

---

11 A aula ministrada pela Professora Titular Dra. Jocielle Lampert, que atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV-UDESC). Seus projetos de ensino, tanto neste contexto, quanto na Graduação em Artes Visuais pela mesma instituição, elaboram meios teórico-práticos de realizar pesquisa em artes visuais. Conceitua experiência e pensamento reflexivo por meio do referencial deweyano, a pensar a experiência estética como formulação reflexiva. Suas aulas propõem entrelaçamento entre teoria e prática com base em desafios. Orienta investigações consolidadas por meio de dissertações e teses na linha de Ensino das Artes Visuais do referido programa.



Fig. 1. Jocielle Lampert a ministrar o curso Arte como experiência em John Dewey (PPGAV-UDESC), 04/09/2024. Fonte: Acervo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

No primeiro momento, o ato de rasgar as páginas não fazia sentido aos participantes, talvez não tenham relacionado o fato ao que falava a professora, mas tal associação levava a uma subversão, era completamente diferente da postura adotada nas aulas anteriores, mesmo entre outros desafios propostos, aquilo foi diferentemente impactante. Rasgar a página do livro mobilizou sentimentos, tendo deixado a todos, por um instante, a buscar explicação, já que aquele livro rasgado era o “motivo” da discussão que ali nos reunia.

A classe foi desestabilizada, pois a expressão intencionada<sup>12</sup> acabou por provocar um esforço de reajuste, a saída da zona de conforto que ocupávamos, cada um em

---

12 Ao final da aula explicou que havia reservado um volume para a realização daquela proposição.

seu lugar, para um estado de desassossego e questionamento, dúvida e embaraço. Seríamos incitados a discutir a arte como experiência por meio de uma experiência.

A leitura randômica proposta foi incomum a todos, pois após a atitude de rasgar as páginas do livro (ruptura), recebemos os fragmentos retirados especificamente entre as páginas 109 a 142, pertencentes ao capítulo "Ter uma experiência" (Dewey, 2010). Ressoou em quem participava, uma provocação, primeiro porque se modificou o curso normal esperado, quando rasgou, amassou cada folha, e fez bolas de papel; segundo porque suscitou interesse nos tirando da zona de conforto, jogando as bolas de papel em direção a cada participante, pois não sabíamos o que viria a seguir, isto, tornou aquela experiência única. Entregues uma ou duas folhas a cada participante, um processo randômico de leitura ia se formando (fig. 2), à medida em que cada estudante lia um parágrafo do capítulo em sequência espontânea, mas que se encaixavam interpretativamente.



Fig. 2. Curso Arte como experiência em John Dewey (PPGAV-UDESC), 04/09/2024. Fonte: Acervo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

Os participantes receberam as bolas de papel timidamente e, em seguida o desafio era tomar coragem e ler uma frase ou um trecho do texto. A ordem não importava, à medida que um se calava o outro iniciava, estávamos todos atentos. A discussão que se seguiu gerou interesse, pois percebemos que as leituras se

encaixavam. A especificidade desta etapa se deu pelo fato de as frases se encaixarem, mesmo em ordens aleatórias. Construíamos, com o texto, significação nova com uma nuance de criação. A experiência estética partiu de uma expectativa de aula, passou pelo incômodo (quase dor) de macular um objeto estimado, para a beleza de uma leitura experimental.

Um excerto da página 137 (fig. 3) entre os que foram lidos dizia:

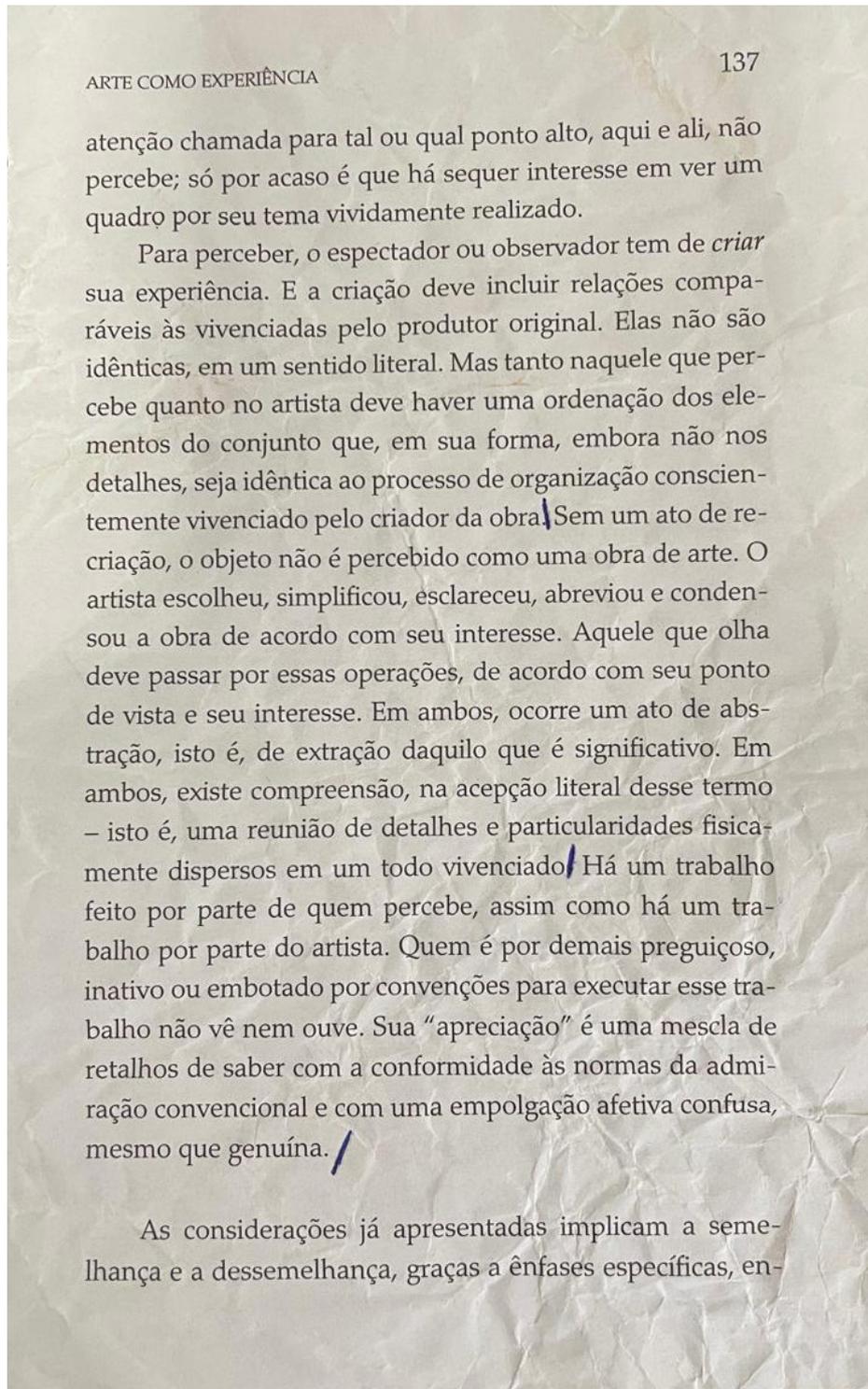
Há um trabalho feito por parte de quem percebe, assim como há um trabalho por parte do artista. Quem é por demais preguiçoso, inativo ou embotado por convenções para executar esse trabalho não vê nem ouve. Sua "apreciação" é uma mescla de retalhos de saber com a conformidade às normas da admiração convencional e com uma empolgação afetiva confusa, mesmo que genuína (Dewey, 2010, p. 137).

Nesse fragmento, é possível aproximar o tema do contexto educativo, no que diz respeito a perceber a arte e o trabalho processual nela envolvido. Se acomodado ou preguiçoso, a/o artista não consegue enxergar propriamente as oportunidades de criar suas próprias referências, ou o leitor não é capaz de interpretar. Outra possibilidade interpretativa é pensar na vinculação que a arte tem com a capacidade de tocar o público, bem como o trabalho do próprio artista em reelaboração.

Na sequência alguém leu:

Para perceber, o espectador ou observador tem de criar sua experiência. E a criação deve incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original. Elas não são idênticas no sentido literal. Mas tanto naquele que percebe quanto no artista deve haver uma ordenação dos elementos do conjunto que, em sua forma, embora não nos detalhes, seja idêntica ao processo de organização conscientemente vivenciado pelo criador da obra (Dewey, 2010, p. 137).

E em um fluxo contínuo, se exploravam novos significados de ter uma experiência, por meio de uma leitura intencionalmente experimental. Como faziam sentido as possibilidades apontadas para ato de criar, se buscavam lógicas que, ao indicarem sentidos, geravam uma espécie de prazer em significar. Usar aquele conhecimento para fazer novas descobertas e percepções levou à interação entre o comum e o estético.



atenção chamada para tal ou qual ponto alto, aqui e ali, não percebe; só por acaso é que há sequer interesse em ver um quadro por seu tema vividamente realizado.

Para perceber, o espectador ou observador tem de *criar* sua experiência. E a criação deve incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original. Elas não são idênticas, em um sentido literal. Mas tanto naquele que percebe quanto no artista deve haver uma ordenação dos elementos do conjunto que, em sua forma, embora não nos detalhes, seja idêntica ao processo de organização conscientemente vivenciado pelo criador da obra. Sem um ato de recriação, o objeto não é percebido como uma obra de arte. O artista escolheu, simplificou, esclareceu, abreviou e condensou a obra de acordo com seu interesse. Aquele que olha deve passar por essas operações, de acordo com seu ponto de vista e seu interesse. Em ambos, ocorre um ato de abstração, isto é, de extração daquilo que é significativo. Em ambos, existe compreensão, na acepção literal desse termo – isto é, uma reunião de detalhes e particularidades fisicamente dispersos em um todo vivenciado. Há um trabalho feito por parte de quem percebe, assim como há um trabalho por parte do artista. Quem é por demais preguiçoso, inativo ou embotado por convenções para executar esse trabalho não vê nem ouve. Sua “apreciação” é uma mescla de retalhos de saber com a conformidade às normas da admiração convencional e com uma empolgação afetiva confusa, mesmo que genuína. /

As considerações já apresentadas implicam a semelhança e a dessemelhança, graças a ênfases específicas, en-

Fig. 3. Página rasgada e desamassada, 04/09/2024. Fonte: Arquivo pessoal.

O interesse e o esforço significativo nos ajudam a entender que o processo artístico, assim como o didático e o filosófico, podem ser caminhos para uma experiência, não separadas do cotidiano e da relação com a aleatoriedade dos acontecimentos mundanos, mediante os quais atos subversivos são, também, significativos e estéticos.

Isto nos mostra que a experiência estética pode ser entendida como um modo de orientar a nossa existência no mundo, o modo como se configuram maneiras próprias de ser. Assim, forma é conteúdo, expressão é comunicação, viver é ter experiências.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular (Dewey, 2010, p. 109).

Temos experiências a todo momento, sejam elas incipientes ou significativas. Quando se educa a partir da arte como experiência, é necessário qualificar a incipiência, ou seja, tornar experiências em **uma experiência** para o estudante, por meio de processo verdadeiramente significativo (estético), para possibilitar novas ideias, outras experiências. Pensar reflexivamente a partir de um embaraço para, então, chegar a uma conclusão verificada é um dos caminhos possíveis. Ressignificar um texto a partir de uma lógica experimental, é também, outro.

Alexander (2016) nos tem dito que Dewey via a arte não como um processo de transferir informações, mas como uma maneira pela qual indivíduos são capazes de participar coletivamente de um processo de significação (ou experiência), em um nível emocional, intuitivo e compartilhado, mesmo que haja grande diversidade de interpretações.

Quando a leitura randômica foi finalizada, compreendemos a relação daquela proposição com o processo de significar (tomar consciência) da experiência. Atitudes pragmáticas como a proposta em questão impulsionam a ressignificar à docência e o aprendizado, a repensar a forma como nos vemos como docentes e como podemos dar continuidade ao propósito de ensinar e aprender arte de maneira exitosa e relevante.

## Considerações finais

Rasgar a página do livro é uma ruptura que pôde ser entendida como uma subversão significativa, para desafiar convicções pré-estabelecidas. Numa sala de aula, criar uma ruptura pode gerar interesse, interação e continuidade, curso de ação estabelecida entre o estudante e o professor a fazer/sentir/agir processualmente sobre tema e assunto combustíveis à experiência estética.

O pensamento reflexivo parte de uma inquietação: aquilo que passou despercebido ou que gerou dúvida. Seu processo prevê continuidade, pois as fases derivam umas das outras e sustentam-se umas às outras em um fluxo. A ideia de fluxo, também presente na experiência é a articulação maior na concepção de unidade experiencial, garantindo a continuidade desta no processo de viver.

Nesse âmbito, a partir do pensamento reflexivo e da experiência estética, temos aqui perguntado, como se as formam experiências? A resposta se encontra na criação assim como na percepção, tarefas inerentes ao acontecimento da arte, seja como experiência docente ou investigação. A experiência estética não é algo exclusivo ao processo artístico como processo produtivo, é também do expectador participante, é um trabalho ativo, vivo, uma experiência integral.

## Referências

ALEXANDER, T. M. Dewey's Philosophy of Art and Aesthetic Experience. Artizein: **Arts and Teaching Journal**: Vol. 2: Iss. 1, Article 9, 2016. Disponível em: <https://opensiuc.lib.siu.edu/atj/vol2/iss1/9>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2006.

BAUMGARTEN, A. G. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Trad. Miriam Sutter Medeiros. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BARRANCO, M. C. **Experiência estética**. Enciclopédia da Sociedade Espanhola de Filosofia Analítica, Universidade de Múrcia, 2020. Disponível em: <http://www.sefaweb.es/experiencia-estetica/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

CAMPEOTTO, F. **La estética de John Dewey y la historia del arte**: teoría y praxis. 2021. 440f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Nacional de Córdoba, Córdoba, Argentina, 2021.

CASTRO, Sixto J. **Filosofía del arte**: El arte pensado. México, Herder, 2018.

CAVALLARI, P. H. V. **Estúdio de pintura como campo da experiência estética**. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000090/000090ae.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

CAVALLARI, P.H.; LAMPERT, J. Das Conversações Sobre o Ensino de Pintura. In: COSTA, Fábio José Rodrigues; SILVA, Larissa Rachel Gomes. (Org.). **A Construção e a Poíesis do(da) Pesquisador(a) em Arte/Educação**. 1ed.Curitiba, Paraná: CRV, 2024, v. 1, p. 35-49.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CUNHA, M. V. da; RIBEIRO, A. P.; RASSI, N. A presença de Aristóteles no livro "Como pensamos" de John Dewey. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 83-107. dez. 2007.

CUNHA, M. V. da. Crítica e contexto: acerca do auditório de John Dewey. **Revista Educação**

e **Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 165–178, 2019. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/6598>. Acesso em: 22 abr. 2025.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, J. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição. Nova tradução e notas de Haydée Camargo Campos. 4ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

DEWEY, J. **The complete works**. The Delphi Classics Catalogue (epub). ISBN: 9781801701884. Hastings, East Sussex, United Kingdom: Delphi Publishing Ltd, 2024.

GREENFELD, Harold. **The Devil and Dr. Barnes**: portrait of an American art collector. New York: Viking, 1987.

HUME, D. **Investigação acerca do Entendimento Humano**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1973.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 3. ed. Trad. Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

RUOPPA, R. John Dewey's Theory of Aesthetic Experience: bridging the gap between arts and sciences. **Open Philosophy**, 2(1), 59-74, 2019. <https://doi.org/10.1515/opphil-2019-0007>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/journal/key/opphil/2/1/html>. Acesso em: 07 mai. 2025.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

VEBLEN, T. Kant e a Crítica do Juízo. Tradução Flávio Rocha de Deus, Occursus - **Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 6, n. 2 - Jul./Dez., p. 320–333, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/Occursus/article/view/10377>. Acesso em: 24 mar. 2025.

WESTBROOK, Robert. **John Dewey** (epub). ISBN: 9788570195586. Recife: Editora Massangana, 2010.

**Submissão:** 25/04/2025

**Aprovação:** 08/05/2025